

**QUESTÃO INDÍGENA** Índios trukás que se tornaram traficantes de drogas ameaçam outras famílias da reserva, em PE; Dois já foram mortos

# Tráfico 'impõe' toque de recolher a índios

KÁTIA BRASIL

DA AGÊNCIA FOLHA, EM CABROBÓ (PE)

A ação de traficantes de drogas na reserva dos índios trukás, no chamado Polígono da Maconha, em Pernambuco, provocou um ambiente de terror e fez com que os indígenas se submetessem a um toque de recolher voluntário por medida de segurança.

A partir das 17h, ninguém sai das aldeias, na Ilha de Assunção, em Cabrobó (a 586 km de Recife, PE), temendo atentados ou sequestros do grupo de índios da mesma etnia que se tornou traficante de droga, conforme a Folha noticiou no último dia 6.

Há duas semanas, a reportagem visitou a reserva e constatou o ambiente de medo.

As escolas nas aldeias estão fechadas, a frequência dos alunos que estudam nos colégios da cidade caiu e até mesmo o Toré —uma adoração religiosa ao deus Tupã— foi suspensa.

Vivem cerca de 4.000 trukás na reserva de 7.160 hectares, que fica num arquipélago que tem mais de 70 ilhotas no rio São Francisco. A reserva é cortada por estradas vicinais e, como há muitas plantações de arroz e cebola, os ramais são pontos para emboscadas.

O clima se acirrou entre os índios depois que oito membros do grupo de traficantes, entre eles os trukás Carlos Jardiel e Jean Carlos Barros Dantas, Edgar Sérgio de Barros, o Edgar de Nô, e Sérgio Roberto da Cruz, o Sérgio de Bedô, tiveram as prisões preventivas decretadas pela Justiça Federal e estão foragidos, por acusação das mortes de seis índios —sendo dois no dia 29 de março.

Os irmãos João Batista, o nego João, e Antônio Roberto Gomes Rodrigues foram assassinados numa emboscada na vicinal que dá acesso a aldeia Pambuzinho.

Os irmãos faziam parte do grupo de índios que é contrário ao



Operação da polícia na reserva dos índios truka, em Pernambuco; no destaque, busca de plantações de maconha em reserva de Cabrobó



Fotos Patricia Santos/Folha Imagem

**Com conflito, 46 já fugiram da reserva truká**

DA AGÊNCIA FOLHA

Depois do assassinato de dois índios truká no último dia 29, 46 pessoas já fugiram da reserva com medo de morrer —30 da família do cacique Ailson dos Santos, o Isô, e 16 da família Rodrigues, dos índios mortos.

A família de Isô foi para uma cidade a 700 km da aldeia, segundo o cacique, que não quis revelar o local.

Os parentes dos irmãos João Batista, o nego João, e Antônio Roberto Gomes Rodrigues estão morando no centro de Cabrobó.

“Fugimos pra não morrer”, disse Edith Rodrigues, 62, mãe dos assassinados, que afirma que na cidade não está segura, pois já recebeu ameaças por telefone. Ela disse que a morte dos filhos foi encomendada pelo índio Antônio Félix da Cruz, o Bedô, preso condenado por tráfico de drogas. “A raiva que eles tinham do meu filho é porque ele não deixava plantar maconha.”

narcotráfico e destruía as plantações de maconha dentro da reserva, ação apoiada pelo cacique Ailson dos Santos, o Isô, que também está ameaçado de morte e anda sem paradeiro certo. A família de Isô e os parentes dos irmãos Rodrigues, num total de 46 pessoas, fugiram da reserva.

Na última dia 10, a Agência Folha entrou, acompanhada das polícias Federal e Militar, na aldeia

Pambuzinho. Lá, a escola está fechada porque os traficantes ameaçaram sequestrar as crianças. “A gente não pode sair à noite, a partir das 17h. Ninguém pode andar por aí [na roça]. É preciso que a Justiça tome providências”, diz o índio Cícero Pedro dos Santos, 32.

Na aldeia Catinga Grande, na estrada que dá acesso à Cabrobó, a situação é a mesma. Lá moram

70 famílias. “A violência nos imprensou. Nunca vi uma baderna [as ações do tráfico] como essa. Me acho envergonhado demais”, diz Francisco Cirilo de Sá, 75.

Nos rostos do povo truká, predomina um semblante de preocupação constante. A tristeza é maior porque o Toré, o ritual religioso com orações e dança feito aos sábados, foi suspenso na aldeia Catinga Grande. “Não pode-

mos fazer Toré porque a oca fica muito próxima da estrada e temos medo. Não é comum isso. A gente não vê o deus Tupã do Ar, mas ele vê tudo”, disse Cirilo de Sá, responsável pela adoração e pelo repasse das tradições às crianças.

Ao falar com a reportagem, ele pôs um cocar, símbolo da resistência dos trukás e fez um apelo: “Não queremos mais essa situação horrível, queremos paz!”

**ONDE FICA A RESERVA TRUKÁ**



## Polícia Federal faz nova retirada de plantação de maconha da área

DA AGÊNCIA FOLHA, EM CABROBÓ (PE)

Numa operação realizada pelas polícias Federal e Militar, no último dia 10, foram erradicados 378 pés de maconha de duas ilhotas do arquipélago de Assunção, na reserva dos índios trukás.

A Agência Folha acompanhou a ação. Por segurança, os repórteres usaram coletes à prova de bala.

Segundo a PF, os pés de maconha indicam que os índios voltam a plantar logo em seguida ao fim das operações e que dificultam cada vez mais o acesso dos policiais às lavouras. Há pouco mais de um mês, a PF erradicou 74.954 pés e apreendeu 394,5 kg de maconha em vários pontos da ilha.

A PF diz que os índios ganham R\$ 0,20 por quilo de cebola (principal cultura da região) e R\$ 100 por quilo de maconha.

Armados com fuzis e metralhadoras, os policiais iniciaram a operação às 11h, partindo da ponte de Cabrobó.

Sem helicóptero, os policiais federais da delegacia de Salgueiro

—responsável pelas investigações do Polígono da Maconha— contaram com o apoio da 2ª Companhia Independente da PM.

Sob um sol escaldante, numa voadeira (barco rápido), os policiais margearam a ilha pelo rio São Francisco. Índios que, segundo a PF, atuam como seguranças dos traficantes nas plantações foram vistos fugindo.

Numa área de difícil acesso próxima à aldeia Pambuzinho, os policiais decidiram abrir uma frente de erradicação, às 12h20.

Como a mata é muito fechada e alagada, foi preciso fazer picadas, passar por debaixo de troncos caídos e plantas com espinhos para encontrar as lavouras a cerca de 150 m da margem do rio.

A plantação encontrada já estava com um mês e meio, e alguns pés estavam no ponto de colher com mais de 1,5 m. “Apesar das operações, continua tendo uma incidência de plantações na ilha e, para erradicar tudo, são necessárias operações permanentes”, disse o agente da PF Rogério Matos.

Para o comandante da 2ª Companhia Independente da PM em Cabrobó, capitão José Mário de Araújo, a solução para o conflito na reserva indígena passa pela presença do Estado na área.

A polícia diz ter informações de que os índios traficantes estariam usando a reserva para o tráfico de armas. “Eles [os índios traficantes] têm armamento pesado e importado, pouco comum nos organismos policiais, e usam a reserva, pelo seu difícil acesso, como esconderijo”, disse capitão Araújo.

Depois da operação, os policiais seguiram para a aldeia de Pambuzinho, onde o cacique truká Ailson dos Santos, o Isô, conversou com a reportagem. Antes de chegar ao local, ele passou pelo lugar onde foram assassinados dois índios no último dia 29. “Eu sei que a qualquer momento eu posso morrer, mas espero que as autoridades se importem com esse problema para ajudar e garantir a integridade do meu povo”, disse Isô, que se diz jurado de morte e evita ficar na reserva. (KB)